



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2017v5n2p29-40

APROPRIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: PRÁTICA DA EDUCOMUNICAÇÃO

LITERARY READING USING THE COMICS LANGUAGE: EDUCOMMUNICATION PRACTICES

APROPIACIÓN DE LA LECTURA LITERARIA A TRAVÉS DE LAS HISTORIETAS: PRÁCTICA DE EDUCOMUNICACIÓN

Valéria Aparecida Bari¹

Shirley dos Santos Ferreira²

RESUMO

Discute como a prática educ comunicativa favorece a mediação da leitura literária, por meio da utilização da linguagem das histórias em quadrinhos, como recurso de adaptação e clarificação de conteúdos complexos. Para verificação dessa premissa, foi elaborada atividade de *Roda de Leitura* com a adaptação em quadrinhos do poema épico de Gonçalves Dias, I-Juca Pirama. A partir da adaptação para a linguagem dos quadrinhos, de autoria de Silvino, mais elementos foram acrescentados à narrativa, uma vez que os efeitos poéticos e a linguagem rebuscada se hibridizam com imagens que aprofundam a ação e a afetividade. Por meio de uma vivência desen-

volvida em celebração ao Dia do Índio, no *Museu Histórico de Sergipe* (MHSE), foram elaboradas análises sobre a apropriação de diferentes segmentos da população, com identidades sociais assumidas como indígenas e descendentes e população mestiça branco/parda aculturada.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação. Adaptação Literária. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

This paper discusses the educommunication practices for the mediation of literary reading, using the language of comics, such as adaptive resource and clarification of complex content. To verify this premise, it was “Reading Circle” wheel activity with comic adaptation of the Gonçalves Dias’s epic poem, *I-Juca Pirama*. From the adaptation to the language of comics, Silvino’s authored, more elements were added to the narrative, since the poetic effects and flowery language hybridize with images that further action and affectivity. Through an experience developed in

celebration of *Native Peoples’ Day* in *Sergipe History Museum* (MHSE), analyses were prepared on the appropriation of different segments of the population with social identities assumed to be natives and descendants, and white mestizo accultured population.

KEYWORDS

Educommunication. Literary Adaptation. Comics.

RESUMEN

Este artículo discute la práctica de educomunicación ayuda la mediación de la lectura literaria, utilizando el lenguaje de la historieta (cómic), cómo recurso adaptativo y la clarificación de contenido complejo. Para comprobar esta premisa, fue realizada la actividad de “Círculo de Lectura” con adaptación en forma de historieta del poema épico de Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*. Desde la adaptación al lenguaje del cómic, obra de Silvino, se agregaron más elementos a la narración, ya que los efectos poéticos y el lenguaje florido se hibridizan con imágenes que promueven la acción y la afectividad. A través de una experiencia

desarrollada en la celebración del Día de los Pueblos Indígenas en el Museo de Historia de Sergipe (MHSE), se prepararon análisis sobre la apropiación de lectura de diferentes segmentos de la población, con identidades sociales asumidas como nativos y descendientes indígenas y población mestiza aculturada.

PALABRAS-CLAVE

Educomunicación; Adaptación Literaria; Historieta.

1 INTRODUÇÃO

A partir da conceituação da Educomunicação como campo teórico e conjunto de vertentes práticas que estudam o relacionamento das mídias, suas linguagens e seus suportes, com o ensino e a aprendizagem (BARI, 2002, *passim*), foi planejada e concretizada a ação cultural descrita como a vivência observada e analisada que aqui segue. Assim, a proposta deste artigo é a de discutir a prática educacional do uso da linguagem e mídia das histórias em quadrinhos, como recurso de adaptação de obras literárias e mediação da leitura literária, aprofundando as discussões e incorporando comentários feitos ao trabalho apresentado no contexto do VII SIMEDUC¹.

Em especial, conteúdos de interesse social e políticos podem ser transversalizados, por meio da linguagem das histórias em quadrinhos, no contexto da leitura escolar. Na experiência descrita neste artigo, trataremos da questão da diversidade étnica e a formação da identidade, discutida no ambiente escolar como questão de leitura crítica e ativa da obra literária adaptada. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 81):

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa de identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes.

A adoção da linguagem dos quadrinhos como modo de adaptação de obras literárias, sejam elas originalmente produzidas em poesia ou prosa, têm sido

largamente empregada na editoração brasileira desde o final do século XIX. Por meio dessas adaptações, os bibliotecários, professores, tradutores de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), contadores de histórias e outros agentes da disseminação de hábitos e gostos leitores podem chegar a resultados muito melhores, utilizando a atratividade da linguagem dos quadrinhos como recurso de mediação de leitura literária.

Segundo Teresa Colomer (2003, p. 316):

Os recursos não verbais tem sido um dos motores de mudança da literatura infantil moderna. A utilização da imagem foi especialmente rentável para abrir caminhos à introdução de técnicas narrativas difíceis de incluir em textos que necessariamente tinham que manter uma certa simplicidade se quisessem se adequar aos pressupostos de acessibilidade compreensiva que presidem esta literatura.

Porém, ainda existem receio e resistência de muitos educadores e mediadores de leitura em lançar mão das adaptações em quadrinhos de nossa literatura. A superação dessa situação prescinde de estudo e familiarização dos professores com a linguagem, conteúdo e aplicações das histórias em quadrinhos nas práticas pedagógicas. Segundo os docente e pesquisadores Lucas Pimenta e Sávio Queiroz Lima (2015, p.161):

As histórias em quadrinhos já são instrumentos comumente usados em sala de aula, depois de longas e custosas querelas que pesquisadores empreenderam a partir da segunda metade do século XX. Através de uma História de acusações e perseguições de diversas naturezas, eis que o meio de comunicação que chamamos histórias em quadrinhos pôde desfrutar de proveitosa atenção dos meios acadêmicos e mesmo de branda respeitabilidade da sociedade na relação pedagógica.

A leitura das histórias em quadrinhos em geral habilita a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda, acrescentando um exercício de interpre-

1. O artigo se baseia em comunicação científica apresentada ao VII SIMEDUC (FERREIRA; BARI, 2016), com alterações no conteúdo textual advindas da explicitação de conteúdos debatidos ao longo do congresso.

tação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridização de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo (BARI, 2008, *passim*).

A formação do leitor, ou seja, seu letramento, só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler, ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura. Essa relação emocional tem teor eclético, ou seja, cria leitores que apreciam todos os tipos de leitura, da mais popular a mais erudita (BARI, 2008, p. 183-191).

O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, como no caso da didática da Literatura, e ainda não foi explorado o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerente sinal da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos.

Para Jesús Martín-Barbero (1997), o estudante deve ser considerado como produtor de sentidos e consumidor dos bens culturais oferecidos ou mesmo “buscados”, no ambiente escolar e fora dele. Para esse autor, que pesquisou ativamente em ambientes escolares na América Latina, Caribe e Península Ibérica, nos últimos trinta anos, a posição do estudante como produtor de conhecimentos não corresponde ao ambiente escolar atual, que não se preocupa claramente com a individualidade do aluno na sociedade, seus valores, gostos ou prazeres.

Em sua teorização, Barbero (1997) afirma que a prática pedagógica permeada de processos comunicativos pode reposicionar o estudante e também os demais ato-

res da equipe educacional e comunidade escolar. Para Martín-Barbero (1997, p. 16), a comunicação se tornou:

[...] questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos mas de re-conhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que tem aí o seu lugar, o da apropriação à partir de seus usos.

A formação do gosto pela leitura, principalmente para os leitores novatos, é facilitada pela criação de situações de leitura cotidiana, principalmente quando as elas não estão vinculadas a uma utilidade da vida, pois isto descaracteriza um momento de lazer. Ao traduzir e representar enredos literários complexos, por meio da linguagem e mídia das histórias em quadrinhos, cria-se então um bem cultural de mediação de leitura literária que supera o estranhamento e as dificuldades na apropriação dos clássicos, principalmente pelos leitores novatos em processo de escolarização.

A leitura de lazer, muito embora tenha o potencial de ser tão informativa quanto à leitura escolar e profissional, tem objetivos de fruição intelectual muito diferente. Assim, a disponibilização da leitura de lazer ao leitor novato e facilitação de sua circulação em ambientes sociais se constitui, também, em disseminação de conteúdos escolares, sob um ângulo de entretenimento (BARI, 2015).

A apropriação da leitura se promove, partindo da disponibilização de bens culturais letrados, porém estabelecidos como desejáveis por habilidades, competências e desejos do leitor, como se fosse uma degustação intelectual. Em toda degustação, é preciso que uma pessoa experiente prepare a iguaria, com os ingredientes adequados, a metodologia correta e a disponibilidade necessária; o mesmo se dá com as primeiras leituras: é necessária a disponibilização, a atratividade e a qualidade, que propiciam conjuntamente a acessibilidade.

2 A APROPRIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA PELO LEITOR NOVATO

As teorias de Vygotsky, que originaram o paradigma Sociointeracionista e o conceito de mediação, influenciaram a Pedagogia, a Psicologia e a Ciência da Informação no séc. XX, assim como renovaram a Ciência da Comunicação. A partir dos anos 1980, por meio da obra de Jesús Martín-Barbero (1997), todos estes campos científicos foram influenciados e se fortaleceu a discussão sobre a Educomunicação, como área interdisciplinar de pesquisa desenvolvida na América Latina.

Então, temos um quadro de interdisciplinaridade no séc. XXI que fundamenta a utilização das histórias em quadrinhos na formação de leitores ecléticos e com sucesso nos estudos. Isso tudo favorecido por publicações de qualidade e possibilidades de aplicação nas práticas pedagógicas e de formação de leitores, vencendo todo o tipo de limitações e restrições, que tem ocorrido na indústria editorial brasileira a partir do séc. XXI.

Em especial, a mediação de leitura está embasada nesses pressupostos, buscando estabelecer relações entre as pessoas e as leituras, propiciando a degustação e o desenvolvimento de gostos e hábitos leitores. Ao estado amadurecido do leitor, chamado de letramento, se atribui a incorporação de hábitos e gosto leitores à identidade e cotidiano individual. Para Gurrão (2013, p. 40):

Tomamos, aqui, a definição de letramento como a capacidade de um indivíduo de se apropriar da leitura e da escrita, sendo capaz de manter-se em constante contato com o escrito, em práticas reais apresentadas no cotidiano. Assim, entendendo a leitura como um processo intrínseco ao letramento, concordamos com Kleiman (2002), quando define esse termo como uma desenvoltura em transitar entre as diferentes maneiras de comunicação. De outra forma, também afirma que letramento é um meio de dar significado social à língua através da intimidade com diversas fontes de conhecimento e diferentes gêneros que fazem parte do mundo da escrita.

A mediação de leitura ocorrerá onde forem reunidas três condições: ambientes sociais onde haja protagonistas mais e melhor letrados, presença e variedade de suportes de linguagem escrita e fatores emocionais que estabeleçam uma conexão entre as pessoas, formando uma situação de leitura. Assim, os espaços e as circunstâncias da leitura também compõem as suas memórias e ressignificações, tanto individuais quanto sociais, e viabilizam a apropriação.

A leitura para o estudante não pode ser um mero exercício de fixação da língua, mas tem de ser praticado também com prazer nos ambientes sociais onde convive. Segundo Ângela Maria Barreto (2007, p. 48):

Aí se encontra, provavelmente, a explicação para o fato de que as recordações de leituras venham sempre acompanhadas de uma ambientação, na qual leitor, personagens, coisas, objetos e espaços interagem. [...] Os ambientes são orientações ao sujeito; assim as casas da infância e da juventude vêm privilegiadas como lembranças. Por isso, as histórias particulares de leituras registram-nas. [...] Os ambientes onde a socialização, em sentido mais amplo, acontece, como escolas, casas de amigos, clubes e bibliotecas, aparecem como lembranças depois das casas familiares.

A mediação da leitura das histórias em quadrinhos leva à apropriação da leitura à vivência do estudante, além de desenvolver as habilidades e competências leitoras. Também apoia a formação de leitores críticos e ativos, colocando-os inclusive em posição de debater com seus pares ou na formação do par-pedagógico, por meio da apropriação propiciada pelos seus recursos de linguagem, pois:

O que muitos pesquisadores da leitura, em âmbito mundial, discutem sob diferentes epístemes, é que o letramento escolar e o letramento social, embora situados em diferentes espaços e vivências pessoais, são partes dos mesmos processos sociais mais amplos. Por isso, as leituras de histórias em quadrinhos habilitam a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda acrescentando um exercício de interpretação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridiza-

ção de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo. (BARI, 2008, p. 111).

Apesar desta complexidade aparente, os recursos da linguagem dos quadrinhos são rapidamente decodificados por leitores pouco experientes, pois se referem a registros e símbolos perfeitamente disseminados na sociedade e anteriores ao letramento. Desta forma, a disponibilização destes recursos serve como esquematização de conteúdos da língua e potencializa a interpretação do texto pelo leitor novato, assim como prepara o seu cérebro para a compreensão de todo o tipo de leituras de matriz verbal.

Mais além, a presença e consagração das histórias em quadrinhos entre as leituras escolares representam um toque de emoção e rebeldia em espaços sociais cuja formalidade excessiva pode levar a rejeição das práticas leitoras.

Comprovadamente, a leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de toda a natureza de obras, com a vantagem de gerar uma cultura leitora infanto-juvenil, comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida. [...] O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, e ainda não se explorou o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerentes sinais da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos. (BARI; VERGUEIRO, 2011, p. 4).

Com efeito, apesar de não buscarem frequentemente a leitura, os estudantes querem ler as histórias em quadrinhos (VERGUEIRO, 2004, p. 21). E quando se unem o desejo, a necessidade e a vontade, pode-se realmente trabalhar em um patamar diferenciado a proposta da leitura e a sua mediação, em diferentes ambientes sociais. Tudo isso vai compor uma motivação intrínseca ao leitor novato, que o ajudará a superar as dificuldades iniciais da leitura mediada e poderá garantir momentos de lazer e aprendizagem.

3 A RODA DE LEITURA COM O POEMA ÉPICO *I-JUCA PIRAMA*²

A Roda de Leitura denominada *Índio Cidadão 2016: Homenagem aos Nossos Ancestrais*, já foi projetada para quebrar a lógica eurocêntrica que identifica as populações nativas brasileiras como “o outro”, o grupo étnico estranho do qual a comunidade escolar não faz parte (FIGURA 1).

Figura 1 – Abertura da Roda de Leitura Índio Cidadão 2016 no MHSE



Fonte: Registro Fotográfico de Shirley dos Santos Ferreira, no Museu Histórico de Sergipe (MHSE), em 19/04/2016.

Esta atividade, promovida no dia 19 de abril de 2016 pelo *Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa (PLENA)*, permitiu utilizar uma prática educacional para mediar a leitura literária de um dos mais significativos poemas épicos da literatura brasileira, *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias, discutindo criticamente a questão da etnia na escola como conteúdo transversal.

O primeiro estranhamento se deu, pelo fato de o índio não ser tratado em nenhum momento da fala

2. Agradecemos a viabilização da prática social registrada neste artigo à oportunidade oferecida pela equipe do Museu Histórico de Sergipe (MHSE), na figura de seu Curador e Gestor, Sr. Sergio Lacerda, da Pedagoga Denize Santiago e na Museóloga Rosângela dos Santos Reis. Devido ao trabalho destes e outros profissionais abnegados, foi possível a participação no evento comemorativo ao Dia do Índio e a dinamização da prática educacional para cerca de oitenta pessoas, entre estudantes e professores da rede escolar pública do município de São Cristóvão.

como um grupo étnico extinto, desligado, fora da dinâmica da cultura escolar e literária. Identificando o “Poeta do Brasil” Gonçalves Dias como descendente de indígenas, assim como os pesquisadores do PLENA, o quadrinhista pernambucano Laerte Silvano e os protagonistas da obra *I-Juca Pirama* como indígenas ou descendentes, inverteu-se a lógica eurocêntrica.

A partir daquele momento, alunos e professores envolvidos buscaram em seu rosto, cabelos e tom de pele os sinais que poderiam caracterizar o parentesco, foram explicitadas também lembranças de avós e bisavós incluídas nas famílias “à laço” [sic].

Por meio da organização de uma prática leitora coletiva, seguida de problematização da questão indígena na época da colonização brasileira e seus reflexos na atualidade, desenvolveram-se as ações educacionais de: leitura crítica, analogia entre o conteúdo real, escolar e comunicacional; ressignificação da mensagem e apropriação pela comunidade escolar presente, segundo marcadores sociais locais. As práticas educacionais descritas se referem, segundo Bari (2000, p. 35):

A mais antiga das áreas de intervenção social que caracterizam o campo da Educação, denominada atualmente como “educação para a comunicação”, é constituída pela reflexão em torno dos impactos e influências dos processos e meios de comunicação na construção das representações sociais, na relação entre a produção e recepção dos bens culturais midiáticos, problematizadamente inseridos nos processos educativos.

Sob o aspecto da função social, a vertente educacional da educação para a comunicação “mais do que um conteúdo escolar, converte-se na atualidade em efetiva ação política” (BARI, 2002, p. 40). A observação desta conversão pode ser registrada durante a aplicação da prática observada, pois a mera leitura de um texto literário com aplicação de práticas educacionais resgatou subjetividade e alteridade de sujeitos sociais que permanecem vivos e influentes na cultura brasileira, neste caso, segmentados na comu-

nidade indígena do passado, do presente e também em seus descendentes aculturados. Segundo Marilena Chauí (2000, p. 89):

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “cultura senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social, que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade, nem como alteridade.

Esta experiência de formação cultural multiétnica dos estudantes e reconhecimento da presença de diferentes etnias na população local e nacional, contribui para a inserção de conteúdos referentes à cultura indígena e afro-brasileira, evidenciados por meio dos movimentos sociais organizados e protagonizados por estes segmentos da população. Sistematizados academicamente e inseridos no contexto educativo para dar voz e valor aos diferentes protagonistas e conteúdos componentes da cultura brasileira, os conteúdos multiétnicos foram garantidos como direitos da comunidade estudantil, nos princípios exarados pela Constituição de 1988, posteriormente regulamentados pelo Direito Constitucional e regulamentados na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Três emendas modificaram o documento original da LDB, para tornar mais clara a exposição de conteúdos multiétnicos na escolarização:

- A primeira foi em 2001, quando foi sancionada a primeira lei do Plano Nacional de Educação (PNE);
- Em 2003, quando foi incluída a obrigatoriedade do conteúdo de história e cultura Afro-Brasileira;
- Em 2010, que tornou o ensino de arte e suas expressões regionais obrigatório na grade escolar.

Etnia, termo derivado do grego *ethnis*, significa povo. Esse termo se refere a um grupo de pessoas que apresenta vários elementos em comum, tais como a cultura, língua, história, valores, semelhanças físicas, entre outros. No planeta há uma grande diversidade étnica, sobretudo no continente africano, que abriga mais de mil grupos distintos, que possuem manifestações culturais próprias, religiões, línguas etc.

Várias etnias compuseram a população brasileira típica, desde a sua colonização. Ou seja, brancos, negros e indígenas coexistem e a sociedade brasileira, apesar das cargas de preconceito e do discurso eurocêntrico, tolerou ou aceitou a miscigenação. A questão étnica passou a representar uma nova pro-

blematização no Brasil, à medida que as políticas compensatórias foram implantadas no final do séc. XX. Então, negar a sua ancestralidade para a sociedade demonstrou ser desvantajoso, principalmente para desfrutar diversos direitos e conquistas advindas das práticas políticas compensatórias.

Então, a nossa discussão também buscou brevemente distinguir a questão de etnia da relação de “comunidade étnica”, que é um grupo social distinto por cultura própria, assim como por língua ou vocabulário próprio. Normalmente, existem informações relevantes embutidas neste diferencial, que podem ser explicitadas pelo acompanhamento do cotidiano, relações produtivas, culinária, cerimônias e rituais.

Figura 2 – Desenvolvimento da Roda de Leitura Índio Cidadão 2016 no MHSE



Fonte: Registros Fotográficos de Shirley dos Santos Ferreira, no Museu Histórico de Sergipe (MHSE), em 19/04/2016.

Em especial, durante a apresentação da Roda de Leitura (FIGURA 2), duas comunidades étnicas foram apresentadas para os estudantes:

- Aimoré: grupo não-tupi, também chamado de botocudo, vivia do sul da Bahia ao norte do Espírito Santo. Grandes corredores e guerreiros temíveis foram os responsáveis pelo fracasso das capitâneas de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo. Só foram vencidos no início do Século XX. O personagem Peri, de José de Alencar, é um herói literário Aimoré;

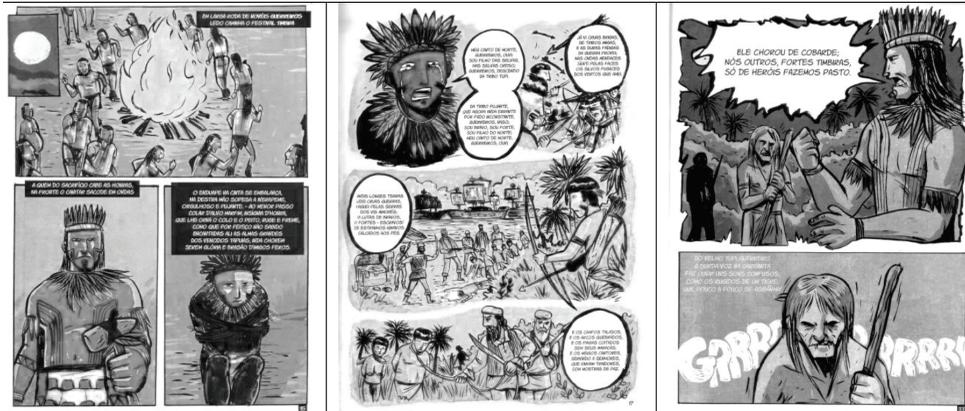
- Tupi: as tribos que falam essa língua, mas se dividem politicamente no país, são os: Tamoio, Guarani, Caiçara, Tupiniquim, Tabajara, Timbira, cujas tribos se localizam na parte litorânea do Brasil, foram eles os primeiros a terem contato com os portugueses. Praticam a caça, a coleta de frutos e eram ótimos pescadores.

Questionados sobre as comunidades étnicas indígenas locais de São Cristóvão, os estudantes identificaram imediatamente a tribo Chocó, que pertence ao grupo Tupi, Caiçara. Então, mais um conceito im-

portante sobre etnia foi clarificado. Na escola, etnias diferentes terão de conviver sob condições padronizadas e aprender conteúdos curriculares parametrizados, mas isso não deve apagar a aprendizagem e a

sequência da cultura local. A etnia deve significar um componente da personalidade e da identidade, não necessariamente o pertencimento a uma comunidade étnica.

Figura 3 – Vinhetas que distinguem tempo real, psicológico e narrativo em I-Juca-Pirama



Fonte: I-Juca Pirama em Quadrinhos (SILVINO, 2012, p. 16-17; 33).

Por meio do escaneamento das vinhetas da adaptação em quadrinhos de *I Juca Pirama*, acompanhada de leitura dramática do poema, foi possível para os alunos presentes acompanharem o desenrolar do enredo, que é muito emocionante (FIGURA 3). Como se traduz o próprio título, *I-Juca Pirama* significa “aquele que vai morrer”, os estudantes já sabiam sobre o que ocorreria ao protagonista. Então, outro questionamento também transversalizou a assistência, sobre a questão da morte. Como apresentada no poema, a morte é trágica, mas existe uma lógica e uma redenção que tornaram a sua presença aceitável para os estudantes.

Na passagem chamada de “canto de morte”, o jovem guerreiro fala sobre as suas agruras, explicando que a sua aldeia de origem havia desaparecido completamente, devido às guerras travadas com os “homens brancos”, que contavam com o apoio dos Aimorés. Porém, a linguagem é erudita e se utilizam de vários recursos, adjetivos e metáforas para descrever

a situação. Conforme trecho do poema épico, o guerreiro Tupi de I-Juca Pirama faz a seguinte narrativa:

Andei longes terras
 Lidei cruas guerras,
 Vaguei pelas serras
 Dos vis Aimorés;
 Vi lutas de bravos,
 Vi fortes - escravos!
 De estranhos ignavos
 Calcados aos pés.
 E os campos talados,
 E os arcos quebrados,
 E os piagas coitados
 Já sem maracás;
 E os meigos cantores,
 Servindo a senhores,
 Que vinham traidores,
 Com mostras de paz.
 (DIAS, 1851, versos 134-149)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das propriedades imagéticas das vinhetas da quadrinhização do poema, elaborada por Laerte Silvano (2012), como demonstrado na Figura 3, foi possível que os estudantes identificassem que os “senhores” eram os colonizadores portugueses, cujos acordos de paz resultavam na captura e extermínio dos indígenas, ocupação de suas terras e posse de seus recursos naturais. Esta passagem ajudou os estudantes a compreender que a morte do guerreiro não era provocada por disputas entre aldeias indígenas, mas como consequência da ação predatória da colonização europeia.

Outra importante propriedade é a das vinhetas, que se constituem como recurso de passagem do tempo natural e psicológico, que muitas vezes não é claramente percebido pelo leitor novato na interpretação de um texto, seja ele literário ou didático. Por meio da adaptação à linguagem dos quadrinhos competente, é possível criar a sensação do passar do tempo, desenvolvendo no cérebro do leitor propriedades que o auxiliarão em todo o tipo de leituras posteriores.

Assim, além da mediação dos conteúdos da leitura literária, uma adaptação em quadrinhos bem elaborada pode aprimorar o próprio ato de ler. Desta forma, o ritmo da narrativa passa a ser impresso pelas vinhetas, que mostram o curso dos acontecimentos de uma forma mais natural, ajudando o leitor a compreender o desenrolar da ação, criando mais uma camada de informação que aprofunda a semantização do texto original (FIGURA 3). Esta propriedade é visível e torna muito mais emocionante a leitura de *I-Juca Pirama*, na adaptação de Silvino (2012).

Ao final de uma tarde muito divertida, que contou com outras leituras e discussões, os estudantes tiveram a oportunidade de participar de uma prática comunicativa, distinta das comemorações nas quais a identidade indígena é apagada de nosso processo civilizatório e transformada numa mera “fantasia”, que lhe tira o protagonismo e transforma numa figura estilizada, alheia à grande e significativa contribuição cultural que ainda está integrando a cultura brasileira.

Por meio das constatações e considerações expostas, verificamos que a adaptação em quadrinhos apresenta um importante recurso de mediação de leitura literária para os leitores novatos, com o potencial de superar dialogicamente a barreira linguística que separa a comunidade escolar do capital intelectual registrado nos chamados “Clássicos da Literatura”.

A atividade de campo descrita e analisada nesse artigo, dentre outras desenvolvidas pelo PLENA, tornou possível verificar que a relação entre a construção da identidade e a diversidade no ambiente escolar são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, que pode ser ampliada e gerar uma convivência harmoniosa na prática didática e paradidática. A Educomunicação se insere como teoria estruturante das vertentes práticas em desenvolvimento, evoluindo do espontaneísmo para uma ação cultural com planejamento, objetivos claros e metodologia abrangente, aplicável no ambiente social escolar.

Ao mediar a leitura literária por meio da prática comunicativa, utilizando-se do recurso da adaptação da obra literária em quadrinhos (quadrinhização), abrimos oportunidades para o aumento do repertório linguístico e da erudição dos alunos, em suas diversas faixas etárias. Contudo, também estamos oportunizando a própria expressão da produção intelectual dos mesmos, uma vez que a leitura e a apropriação do texto abrem o diálogo entre os seus autores e este leitor específico, numa via de mão dupla. Assim, a contribuição da comunidade estudantil à produção intelectual e técnico-científica poderá ser cada vez mais significativa, adicionando diversidade aos pontos de vista da produção e difusão social de conhecimento.

A prática comunicativa também abre oportunidades para a discussão de conteúdos transversais

importantes para a escolarização, colocando-os de modo panorâmico e atualizado em relação aos conteúdos vinculados à vida em sociedade no Brasil.

REFERÊNCIAS

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BARI, Valéria Aparecida; VERGUEIRO, Waldomiro. Emoção e Rebelia: Formação de Gibitecas na Biblioteca Escolar. XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. CBBB 2011. **Anais eletrônicos...** Maceió: UFAL, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/552/689>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

BARI, Valéria Aparecida. **Por uma epistemologia do campo da educomunicação**: a inter-relação Comunicação e Educação pesquisada nos textos geradores do “I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação”. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2002.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores**. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2008.

BARI, Valéria Aparecida. A quadrinhização como recurso de mediação da leitura literária do surdo. In: MODENESI, Thiago Vasconcellos; BRAGA Júnior, Amaro Xavier. **Quadrinhos e educação**: procedimentos didáticos. Jabotão dos Guararapes: SOSEC, 2015. p.125-143. (Quadrinhos e Educação, v.2)

BARI, Valéria Aparecida. História em quadrinhos e leitura: desafios colocados aos educadores. In: SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da (Org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas**: os gibis estão na escola, e agora? São Paulo: Criativo, 2015.

BARRETO, Ângela Maria. Os espaços da leitura. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: Paulinas, n.XII, v.1, jan-abr 2007. p.41-53.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

CHAUI, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COLOMER, Teresa. **A formação do Leitor Literário**: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

DIAS, Antônio Gonçalves. **I-Juca Pirama**. [1851]. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/GoncalvesDias/IJucaPirama.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. V.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FERREIRA, Shirley dos Santos; BARI, Valéria Aparecida. Ações educacionais de apropriação da leitura literária, por meio das histórias em quadrinhos. VII Simpósio Internacional de Educação e Comunicação (SIMEDUC). **Anais**. Aracaju: Universidade Tiradentes (UNIT), 14 a 16 de setembro de 2016. 15p. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/simeduc/article/view/3336/1263>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

GURJÃO, Mônica Vieira de Sousa. Foi difícil...Foi difícil...Foi difícil: memórias de escola, imagens de professoras e métodos de ensino. In: SOUSA,

M.E.V. de (Org.). **Leitura:** entre proibições, desejos e encantamentos. João Pessoa: UFPB, 2013. p.11-48.

MASTROBERTI, Paula. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. **Revista Semioses.** Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), v.1, n.8, fev. 2011. p.104-112.

PIMENTA, Lucas; LIMA, Sávio Queiroz. Um índio na imensidão faraônica: o olhar educacional do quadrinho Tiki sobre a Rodovia Transamazônica. In: MODENESI, Thiago Vasconcellos; BRAGA Júnior, Amaro Xavier. **Quadrinhos e Educação:** relatos de experiências e análises de publicações. Jabotão dos Guararapes: SOSEC, 2015. p.161-167. (Quadrinhos e Educação, v.1)

SANTOS NETO, Elydio dos (Org.); SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e**

educação: formação e prática docente. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVINO, Laerte. **I-Juca Pirama em quadrinhos.** São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ)

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina ; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs.) **Leitura:** perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1991. p.18-29. (Série Fundamentos, 42)

VALDERRAMA, Carlos Eduardo. **Comunicación-Educación:** coordenadas, abordajes y travesías. Bogotá: Siglodel Hombre/DIUC, 2000.

Recebido em: 4 de dezembro de 2016
Avaliado em: 11 de dezembro de 2016
Aceito em: 12 de dezembro de 2016

1. Líder do Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações – PLENA, desde novembro de 2015; Docente do Magistério Superior na Universidade Federal de Sergipe – UFS, desde abril de 2009; Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: valbari@gmail.com
2. Cursa Especialização em Biblioteconomia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, desde 2015; Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa – PLENA. E-mail: shirleybiblio@yahoo.com.br